

Aragem

Quando a comida e o trabalho acabavam mudávamos para a próxima cidade. Sempre à noite, ocultos por estradas de terra, carregando no escuro as sacas do que tínhamos. Depois de tanto tempo, ainda hoje, se vejo caminhão fazendo mudança noturna dói-me o estômago. Durante toda minha infância, essas migrações foram os movimentos da fome.

Eu era o menor e, por segurança, viajava sobre o colo da minha mãe. Na boleia. Enquanto meus irmãos seguiam na carroceria, de onde vinham risadas e barulhos lúdicos. Quis sempre ali estar, eu, o pássaro no ninho enquanto as outras aves voavam, com vento e noite tocando-lhes o rosto. Ressentia-me da interdição, e pensava que sem o cerco dos braços de minha mãe eu me juntaria aos outros para o que eu julgava a expressão maior da liberdade: viajar na carroceria.

Confessei meu anseio à mãe que consentiu em deixar-me viajar junto aos meus irmãos da próxima vez. Acreditava que demoraria até que houvesse nova mudança. Acabávamos de chegar, mas logo uma tia ficaria doente e solicitara nossa presença. Lá haveria casa, comida e trabalho. Então outra vez armávamos a vida numa carroça para carregar a esperança numa outra direção.

Antes de irmos, mamãe perguntou se eu não preferia ir ao seu lado, deixar a aventura para a próxima vez. E viajar na boleia? Finquei pé. Olhei o céu e vi que não choveria. As estrelas vieram brilhar sobre mim. Sentia-me luminescente e grande. Prestes a um ritual iniciático. E não titubeei.

O sertão vasto ao redor da casa pequena, uma só luz a faiscar o querosene de uma lamparina. Primeiro um armário sem portas, depois as quatro cadeiras e a mesa, a bateria com as panelas, um pote de água, as esteiras e começavam a entrar as crianças, sendo encaixadas conforme os espaços entre uma saca e outra de mantimentos e enxoval. Fui o derradeiro a subir, pois até o último instante mamãe insistia que, caso não coubesse, eu seguiria com ela. Na boleia.

Mas eu coubei! e fui alegre na carroceria, aproximando-me das beiras, sujando os cabelos de poeira e vivendo o balanço quente da estrada a requebrar entre pedras e declínios. Meus irmãos já estavam cansados dessas viagens e resguardavam-se ao silêncio consciencioso da noite, mas aos meus olhos tudo era excitante e novo, até a ampla invisibilidade que se experimentava entre um vilarejo e outro, eu enxergava como uma excursão no mistério.

Num desses espaços, entre a luz e a vacuidade – pai disse que foi no brejo da Bela Vista, a mãe acha que foi ainda em Sucupira – o canto de um gavião atravessou a estrada vibrando em nossos corpos e meu pai acelerou. Não confiava em canto de ave de rapina no meio do dilúculo sertão. Uma vez mais a ave cantou e ergui meu corpo para tentar enxergá-la, nesta pesei sob o desequilíbrio e caí sem asas na terra. Desacordei por um instante e, quando voltei a mim, não havia mais poeira de carroça nem barulho de galope.

Levantei e fui sentar à beira da estrada. O céu fechou-se e soube que o que cantava o gavião era anúncio de chuva. Fui batizado por aquelas águas de desalento por toda a noite. A princípio não tive medo e não chorei, mas não sabia onde estava, como a vida havia nos separado ou se viriam me buscar. Sob a chuva, pensava se voltaria a ver meus irmãos - eram tudo o que eu tinha, minha família - e essa incerteza me despertava para os desígnios de uma miséria que me fez rastejar asas num chão já transformado em lama.

Quando a aurora surgiu pelas primeiras insígnias de luz, vi o retorno da carroça de meu pai. Ao seu lado, minha mãe com os cabelos úmidos da noite e os olhos inchados, vermelhos, feito açude que sangra. Acolheram-me sem palavras. Pousou-me em seus braços e fui levado para casa em seu colo. Na boleia.

Lia Leite. Em AQUINO, Alves de (Org.). Mutirão. N°2. Fortaleza: Expressão, 2016.